

# EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: EXPERIÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Maria José Bueno CASSEB<sup>1</sup>  
José Pedro TONIOSSO<sup>2</sup>

## RESUMO

Este trabalho relata experiências de formação de professores desenvolvidas de forma interdisciplinar no curso de História das Faculdades Integradas Fafibe, nas disciplinas de História do Brasil Colônia e de Práticas Pedagógicas, com intenção de privilegiar a História Social e, com a participação de outros cursos de licenciatura da referida Instituição, com a preocupação de caracterizar a transdisciplinaridade, com vistas a dialogar com a comunidade negra local e ampliar os estudos em torno de questões relacionadas às Relações Étnico-Raciais, bem como à História e Cultura Africana e Afro-Brasileira. Tal processo, que tem como objetivo desenvolver perspectivas de trabalho docente no Ensino Fundamental e Médio, teve início anterior à aprovação da lei 10.639 em 2003 e, após a aprovação da mesma tal projeto se consolidou e, a cada ano, tem privilegiado diferentes temas, utilizando-se de variadas abordagens, metodologias e recursos didáticos. Acredita-se que os objetivos tenham sido alcançados, na medida em que tem havido um retorno um tanto satisfatório apresentado pelos discentes e egressos.

## PALAVRAS-CHAVE

Relações Étnico-Raciais; Racismo; Discriminação; História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

A produção historiográfica sobre a escravidão no Brasil, a partir da década de 1960, diga-se de passagem, um tanto tardia, esclarece bem a (des)preocupação do Estado em relação ao sistema de ensino com temas relacionados aos estudos étnico-raciais, num país em que tanto o tráfico negreiro, como a própria escravidão atingiram alguns séculos e marcaram profundamente a nossa trajetória histórica.

No decorrer da década de 1990 essas questões se enquadraram em debates e questionamentos durante as aulas de História do Brasil Colônia, no curso de História das Faculdades Integradas Fafibe, Bebedouro/SP. Ao longo das apresentações individuais e em grupo de temas ligados à escravidão, tráfico, resistência, entre outros, a

---

<sup>1</sup> Faculdades Integradas Fafibe. Departamento de História. Rua Prof. Orlando França de Carvalho, 325, CEP 14701-070, Bebedouro, SP, Brasil. Endereço eletrônico [zezé.casseb@uol.com.br](mailto:zezé.casseb@uol.com.br)

<sup>2</sup> Idem. Endereço eletrônico: [jptoniosso@itelefonica.com.br](mailto:jptoniosso@itelefonica.com.br)

ponto de se especular a possibilidade de se incluir uma disciplina que contemplasse estudos afros, no intuito de cobrir um hiato na estrutura curricular do referido curso.

Tais anseios se formalizaram por meio de adequações propostas, na organização curricular, pelo Colegiado de curso, em que se incluiu, a partir de 2005, disciplinas próprias que propiciassem articular estudos afros e prática pedagógica docente. Desta forma, a disciplina História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, em sua articulação as de Práticas Pedagógicas, ampliaram as abordagens sobre a temática, dentro do curso.

Tal processo, no âmbito do curso, já vinha amadurecendo antes mesmo da aprovação da Lei nº. 10.639 de 2003, inclusive durante as reuniões de Colegiado de Curso, dada a necessidade de se encontrar um caminho por onde começar a trabalhar com tais temáticas. Nesse contexto, ocasionalmente, um dos discentes acabou por intermediar um encontro com membros do Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra local, no ano de 2004, durante as aulas de História do Brasil Colônia, efetivando-se em um evento na Instituição, com a participação dos discentes do curso de História, membros do Conselho e comunidade. A partir do tema *As questões étnico-raciais no Brasil no passado e no presente* privilegiou-se, na ocasião, o estudo da Lei e sua aplicabilidade, considerando-se a realidade local e regional.

Desse primeiro momento pudemos concluir que foi uma bem sucedida experiência, a qual seria o início de uma parceria entre o Curso de História e o Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra de Bebedouro, que vem se repetindo, nos anos subsequentes. Não somente nos encontros, que se tornaram anuais, mas em outros eventos promovidos em parceria, os quais são referenciados no decorrer deste artigo.

Após o I Encontro, essa parceria tem continuidade, com outras propostas de reflexa, como a realização de uma atividade, com a exibição do filme *Uma onda no ar*,

premiada produção nacional de 2002, a qual aborda a história da Rádio Favela, criada na periferia de Belo Horizonte. Uma comunidade com a predominância de afro-descendentes e que se caracterizou como uma importante forma de comunicação entre os moradores, enfrentando, em seu início, intensa repressão da polícia, sendo lacrada. Anos depois, obteve a concessão para funcionamento como rádio comunitária, em funcionamento até os dias de hoje. A exibição do filme foi seguida de debate entre os participantes.

Paralelamente a esses acontecimentos, o Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra local solicitou um representante da Instituição para participar de suas reuniões, com intuito de estreitar o diálogo com a comunidade acadêmica, o que facilitou a parceria.

Numa segunda etapa, foi organizado um momento para se discutir a presença da cultura angolana no Brasil. O evento contou com uma palestra, em que foi traçado um paralelo entre a trajetória histórica de Angola e Brasil, proferida pelo teólogo de origem angolana, Manuel Eduardo, seguida de debate entre palestrante, convidados, docentes e discentes do Curso de História. O evento também contou com apresentação de dança afro, por um grupo de artistas locais.

No II Encontro, realizado no ano de 2005, já se vislumbrava algumas diretrizes estruturadas e procurou-se atender os propósitos contidos nas Diretrizes Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Neste aspecto, o Encontro proporcionou subsídios para a prática pedagógica, contribuindo para ampliar o foco dos currículos escolares, em relação à diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira, contemplando a temática em uma visão multicultural e pluriétnica, além de vislumbrar estas questões em âmbito regional.

Desta forma, as atividades ampliaram a conscientização dos acadêmicos, em relação às políticas públicas sobre a obrigatoriedade da inclusão de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos de Educação Básica. E, ainda, como tal medida poderia implicar na formação de professores, principalmente nos de História, e, ao mesmo tempo, amplia o diálogo com a comunidade negra, através de seus representantes. A união de esforços tem proporcionado reflexões que levam a abordagens mais amplas a respeito da forte presença da cultura afro-descendente e africana na região de Bebedouro e como essa parceria poderia colaborar para o desenvolvimento da Comunidade.

As atividades, também, procurou-se despertar na comunidade acadêmica do curso de História a sensibilidade para as reivindicações e propostas do movimento negro, durante o século XX. Dentre as quais, promover ações educativas de combate à superação da indiferença, injustiça e desqualificação com que negros, indígenas e as classes subalternas têm sido tratados; dialogar com a Comunidade Negra para divulgar trabalhos e resultados de pesquisa de discentes, que versam sobre a população afro-descendente, uma forma de reparar, conhecer e valorizar sua história, cultura e identidade. Também, complementar conteúdos da disciplina História do Brasil-Colônia e História do Brasil Império sobre escravidão e tráfico de escravos africanos no Brasil e como desenvolver ações no decorrer das Práticas Pedagógicas, voltadas para a formação de professores.

Os primeiros resultados não se fizeram esperar, uma vez que se percebeu uma ampla participação dos discentes do Curso de História, observando-se a diversidade dos temas desenvolvidos, assim como os objetos de pesquisa, que incluíram análise de fontes iconográficas, cinematográficas, bibliográficas, entre outras.

Nessa ocasião, já se pode trabalhar de forma transdisciplinar, com a participação de discentes do curso da Psicologia, sob orientação do professor de Antropologia, com exposição e apresentação de painéis, os quais enfatizaram: *Aspectos da Miscigenação; Etnocentrismo; Mortalidade; Porque os heróis não são negros?; Branqueamento da população; Discriminação; Desqualificação profissional; Unidade na diversidade*. Os discentes do Curso de História para o II Encontro, focaram as seguintes abordagens, em suas produções: *A imigração de escravos negros da África para o Brasil; A vida cotidiana dos escravos; O racismo dentro e fora da sala de aula; A família escrava; A criança escrava; Tráfico e escravidão hoje – coisa de cinema?; Mulheres Escravas e Livres: uma análise comparativa; O conflito racial - 'Apartheid'*, além de um trabalho de conclusão de curso, *Uma proposta de estudo da Questão Negra: “Sociedade Recreativa, Cultural, Promocional e Social José do Patrocínio” de Bebedouro - SP*.

No que se refere ao III Encontro com o Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra de Bebedouro, no ano de 2006, procurou-se uma discussão mais ampla com a sociedade de Bebedouro sobre racismo no Brasil, tema inserido nos estudos desenvolvidos na disciplina de Prática Pedagógica III, que privilegia estudo e ensino de diferentes aspectos da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira que, dentre vários aspectos, aborda os efeitos sociais da escravidão, que ainda se fazem presentes em nosso país. Neste aspecto, uma das ações recaí sobre pesquisa, a fim de se verificar se o grau de escolaridade influencia em uma percepção mais crítica em relação às questões ligadas ao preconceito de raça, sexo e religião. Também a proposta visava discutir a questão racial, buscando estratégias de conscientização para o combate ao racismo e discriminação e, ainda, promover o reconhecimento, a valorização e o respeito das histórias e culturas afro-brasileira e africana

Como ponto de partida, focou-se a pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo e a fundação alemã Rosa Luxemburgo Stiftung no ano de 2003, cujos resultados foram publicados na obra *Racismo no Brasil: percepções da discriminação e do preconceito racial no século XXI*. (SANTOS; SILVA, 2005)

Inserida no projeto *Percepções da discriminação e do preconceito racial entre universitários*, efetuou-se a pesquisa na Instituição, estruturada pelos docentes da disciplina Prática Pedagógica III do Curso de História, que se valeram do mesmo instrumento do projeto. A pesquisa foi aplicada nos discentes dos cursos História, Psicologia, Enfermagem e Fisioterapia, sendo estes três últimos do período da manhã e o primeiro, noturno. Os instrumentos de coletas foram aplicados pelos discentes do segundo ano de História e tabulados pelo primeiro ano do curso de Psicologia, com o auxílio da docente responsável pela disciplina de Estatística.

A apresentação do projeto e seus resultados ocorreu no encontro com representantes do Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra local, momento em que se organizou, também, uma mesa redonda com a participação de docentes do cursos de História e Psicologia e da presidenta do Conselho Estadual do Negro, para discutir os dados apontados e outros temas pertinentes. O evento contou, ainda, com a apresentação de diversos relatos de discriminação racial pelos participantes, ocorridos recentemente em diferentes cidades do Brasil.

Como resultado da pesquisa aplicada aos discentes da Instituição, nos cursos acima citados, em que se ressalta o seguinte perfil: 270 discentes preencheram o instrumento, o que equivale a aproximadamente 15% da população acadêmica e pode-se concluir que houve predominância feminina. Observou-se que mais da metade dos entrevistados só estudavam e uma porcentagem significativa estudava e trabalhava. No quesito renda familiar, embora a maioria não respondera, notou-se uma distribuição

aparentemente uniforme de até quatro salários mínimos. Nessa amostra, a grande maioria solteira era solteira; em relação à religião, 58% responderam ser católicos, seguida de evangélicos e, depois, espíritas. Também destaca-se que a grande maioria (77%) se identificou como pertencente à cor branca. Em relação ao racismo, verificou-se que, para esta população: não ser branco significa ser diferente, pois a quase totalidade reconhece claramente que existe racismo em nosso país, o que equivaleu a 98% da população entrevistada; cerca de 50% admitiu que existe muito preconceito de cor dos brancos em relação aos negros; enquanto que para 47% existe preconceito de cor dos negros em relação aos brancos. Ao responderem se tinham preconceito em relação aos negros, a maioria (82%) afirmou que não. No que diz respeito ao relacionamento entre brancos e negros, 50% nunca namorou e/ou se casou com negros, enquanto que 45% namorou mas não se casou; em relação à discriminação pela cor e raça 80% dos alunos admitem não terem sofrido; 75% afirmaram que nunca sofreram injustiça e discriminação na escola; 87% afirmaram não ter sido abordados pela polícia por motivo aparente; em relação às leis sobre racismo, 70% julgam estar mais ou menos informados, enquanto que apenas 28% se julgam bem informados.

Quanto ao combate ao racismo e à discriminação, 47% afirmaram que são problemas pessoais, enquanto que 48% admitiram ser obrigação do Estado; para 50% o preconceito e a discriminação, que existe entre brancos contra os negros seja responsável pela condição em que se vive a grande maioria da população negra e para 31% é devido à falta de políticas públicas direcionadas a este grupo.

No quesito referente às cotas nas universidades e nas empresas, 17% são totalmente a favor, enquanto que 31% são parcialmente a favor e 30% discordam totalmente e que para diminuir a desigualdade existente entre o número de brancos e negros, que chegam ao ensino superior, 79% opinam que o Estado deveria melhorar a

escola pública, enquanto que 7% julgam que abrir mais vagas nas faculdades é a solução para diminuir a concorrência, e somente 5% julgam que se deve reservar uma parte das vagas no ensino superior para estudantes negros. E, finalmente, para combater a discriminação e a desigualdade social no mercado de trabalho, 66% opinaram que o Estado deveria criar mais empregos.

Na seqüência, no IV Encontro, realizado em 2007, o tema central foi *Estudos Étnico-Raciais: da Complexidade à Diversidade*, cujo evento abriu espaço para apresentação de trabalhos produzidos pelos alunos, em várias disciplinas, com a orientação de docentes, envolvendo aspectos da História Africana; manifestações e contribuições culturais afro-brasileira e africana; participação e atuação de africanos e afro-descendentes na história mundial, nacional e local; estudos diferenciados sobre aspectos da construção da imagem do negro pelos meios de comunicação de massa e literatura e sobre a saúde da mulher negra.

Neste IV Encontro, visou atender os dispositivos legais, fruto das reivindicações e propostas do Movimento Negro do século passado e propôs a apresentação de estudos de valorização da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, em cumplicidade com as Relações Étnico-Raciais, trabalhados nas Práticas Pedagógicas e em História do Brasil.

A aproximação da comunidade acadêmica e representantes de entidades locais fomentou o diálogo, a reflexão e a troca de informações sobre como lidar com situações de discriminação na formação de crianças e jovens da escola pública, espaço onde a maioria dos nossos discentes estarão atuando, ou já atuam profissionalmente, além de favorecer o envolvimento de outros profissionais que lidam com esse público alvo. Também contribuiu para desmistificar o imaginário étnico-racial, que privilegia a branquura e as raízes européias da sua cultura, em detrimento da indígena, africana e

asiática; entender que, durante o desenvolvimento e aperfeiçoamento do modo de produção capitalista, depara-se com a idéia de que o sucesso de poucos levou à marginalização e à construção da desigualdade de outros; refletir e dialogar sobre as mais diversas formas de se combater o racismo, a discriminação e a marginalidade, a fim de se construir relações raciais e sociais mais humanas e cidadãs; discutir a respeito da complexidade que envolve o processo de construção de identidade negra em nosso país, uma vez que o mito da democracia racial e a ideologia do branqueamento atingiram mais os negros, embora os brancos pobres e outros grupos também tenham sido vítimas de preconceito e discriminação.

A apresentação de trabalhos ficou por conta daqueles produzidos nas disciplinas de Práticas Pedagógicas e História do Brasil, do curso de História, entre eles: *Mama África; Cantos e quilombos numa conspiração de Haussás; Quilombos no Brasil Colônia; Teorias étnico-raciais*. Foi apresentada também uma série de pesquisas realizadas pelos discentes do curso de História sobre personagens afro-brasileiros, dentre os quais: *João Cândido; Milton Santos; Pixinguinha; Aleijadinho; Anastácia; Xica da Silva; Cruz e Souza e Lima Barreto*. Além da produção dos discentes deste curso, foram apresentados os resultados da pesquisa *A saúde da mulher negra no Brasil*, realizada pelos discentes do curso de Enfermagem, enquanto que um grupo de discentes do curso de Psicologia apresentou o trabalho *Meios de comunicação de massa e literatura: a construção da imagem do negro*, sendo ambos com orientação do docente da disciplina de Antropologia.

O evento contou também com a participação de um grupo musical da localidade, *Os Zumbis*, com repertório e ritmo de origem afro.

Ainda no ano de 2007, foi ministrada uma palestra: *As fontes, técnicas e periodização da História da África, com destaque às obras da Unesco e a Escola de*

*Egiptologia do Prof. Cheik Anta Drop*, pelo filósofo Bas'llele Malomalo, doutorando em Sociologia pela Unesp de Araraquara e pesquisador do Centro de Línguas e Culturas Africanas e da Diáspora Negra (CLADIN).

O V Encontro, ocorrido em 2008 e, atualmente, fruto do Projeto Interdisciplinar do Curso de História, teve como objeto de estudo aspectos da cultura e resistência do negro. Na medida em que o tema foi estudado sob a ótica de vários olhares e várias disciplinas, oportunizou também o diálogo com outras licenciaturas, de forma a reforçar a transdisciplinaridade, no caso, com os cursos de Letras, Pedagogia e Enfermagem.

Novamente as disciplinas de Práticas Pedagógicas e História do Brasil desenvolveram uma série de estudos com os discentes do Curso de História, desta vez, privilegiando duas temáticas: *Entre arquétipos e caricaturas: as representações do negro a mídia, nas artes e na literatura brasileira* e *Cultura e resistência do negro*. Em relação à primeira temática, foram apresentados os seguintes trabalhos: *Xica da Silva: da astúcia do oprimido à encarnação do estereótipo da sensualidade negra; A estereotipação dos negros no cinema brasileiro; A questão racial e suas vertentes na produção literária brasileira; Hip-Hop: resistência e mudança da realidade; A negação do Brasil: a ideologia do branqueamento e a democracia racial na telenovela; Discriminação e preconceito: o negro na telenovela brasileira*. Quanto a segunda temática, os trabalhos resultaram nas seguintes apresentações: *Escravidão e luta de classes: a revolução no Haiti e o choque no mundo dos escravos, Abordagem crítica sobre as teorias raciais no Brasil do século XIX; O recorte do olhar europeu: o negro na iconografia do século XIX (leitura da obra de Bóris Kossoy); Visões de liberdade: um estudo das últimas décadas da escravidão na Corte (interpretação da obra de Sidnei Chalhoub); Refugos e refúgios; O direito de castigar: uma particularidade do*

*senhor? Questões que envolveram o tráfico; Escravidão e luta de classes: pecados do marxismo e anti-marxismo e Quilombos: a passividade desmentida.*

Em relação ao curso de Pedagogia, um grupo de discentes e egressos apresentou um trabalho intitulado *Aspectos do fracasso escolar: decorrências do preconceito e discriminação na educação brasileira*, enquanto que do curso de Letras, discentes apresentaram o trabalho *O milagre está feito: Castro Alves está vivo!*. Os alunos do curso de Enfermagem apresentaram uma comunicação sobre *Saúde e doença. Cura e rituais: estudos de mulheres africanas.*

Um outro encontro ocorreu, contando com membros do Conselho de Desenvolvimento da Comunidade Negra de Bebedouro, comunidade local e da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, representado por um dos assessores da Secretaria e a presidenta do Conselho Estadual do Negro, Elisa Lucas Rodrigues, ocasião em que foi apresentado o projeto da Secretaria, intitulado *Racismo: se você não fala, quem vai falar?* Na mesma ocasião, foram disponibilizadas uma urna de coleta e papel-carta, com o objetivo de emissão de opiniões sobre racismo, a fim de se colher material significativo sobre a temática, em que 120 cartas serão publicadas pela referida Secretaria.

### **Considerações finais**

O conhecimento do *mito da democracia racial*, a ideologia do branqueamento, o sistema educacional e os meios de comunicação podem ser vistos como as armas mais favoráveis ao racismo brasileiro. A educação, por exemplo, é o reflexo das próprias divisões de uma sociedade classista e racista e onde a questão de gênero também deve

ser levada em conta: o que se aprende nos bancos escolares, é fruto de interesses e da ideologia dos grupos dominantes e estando a organização curricular moldada em padrões europeus, não há lugar para experiências de outros grupos raciais. Isto é, daquele diferente do branco e, com isso, a experiência do negro tende a não ser bem vista ou esquecida. Neste aspecto, o passado histórico e cultural é, no mínimo, distorcido pelos livros didáticos ou tratados superficialmente, passando a imagem de temas irrelevantes. No que se refere à resistência individual ou grupal, é, em uma maioria, interpretada como insubordinação ao senhor. Mesmo as leis abolicionistas foram referendadas, interpretadas ou justificadas como fruto de atos humanitários e, raramente, vistas ligadas aos interesses econômicos, enquanto resultado do avanço do capital, ou da posição tomada pelo Estado, representado por D. Pedro II, responsável pela política de branqueamento, introduzida no Brasil, no Segundo Reinado.

A criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1839, tinha como objetivo *construir uma história da nação, recriar um passado, solidificar mitos de fundação, ordenar fatos buscando homogeneidades em personagens e eventos até então dispersos* (SCHWARCZ, 1993) e, isso significava construir uma história oficial, onde ficasse clara a participação de poderosos grupos econômicos e sociais e, diga-se de passagem, de acordo com os moldes europeus. Segundo a mesma autora, *a idéia era correlacionar o desenvolvimento do país com o aperfeiçoamento específico das três raças que o compunham, sobrando para o negro o espaço da detração, uma vez que era entendido como fator de impedimento ao progresso da nação.*

Percebe-se claramente que o negro foi excluído do movimento de construção da nacionalidade e até carregaria certa culpa por não ter se adaptado às novas formas de trabalho impostas pelo capital. Ou seja, o trabalho assalariado, o que pode até justificar a sua exclusão social. E, essa forma de lidar com questões como a escravidão, acabou

por construir uma imagem do negro, carregada de preconceitos, identificados nos mais diversos lugares sociais (FONSECA, 2000).

Segundo Pinsky (2000),

*[...] numa sociedade competitiva como a nossa o ato de etiquetar o outro como diferente e inferior tem por função definir-nos, por comparação, como superiores. Atribuir características negativas aos que nos cercam significa ressaltar as nossas qualidades, reais ou imaginárias. Quando passamos da idéia à ação, isto é, quando não apenas dizemos que o outro é inferior, mas agimos como se de fato ele o fosse, estamos discriminando as pessoas e os grupos por conta de uma característica que atribuímos a eles.*

Essa visão etnocêntrica, ou desrespeito à alteridade em relação ao negro, tem se perpetuado de geração a geração, desde o período colonial, o que possibilita enxergá-la numa história de *longa duração*. *De acordo com* Braudel (2007), a construção de uma mentalidade, que tem favorecido o branco, europeu, colonizador e superior e, em segundo lugar o índio, é respaldada pela Igreja, através de seus discursos. Como exemplo, cita-se Antonio Vieira, um dos teóricos do sistema colonial, como é demonstrado no sermão Décimo XII do Rosário, proferido na Bahia, em 1633, à Irmandade dos Pretos de um engenho, onde justifica a escravidão do negro africano pelo estigma da cor, tomando a evolução da palavra negro do hebraico, relacionando-a às coisas queimadas que, em linguagem figurada, seria a cor da desgraça e que a fé cristã poderia salvá-los. No Sermão Vigésimo Sétimo do Rosário, ao se referir ao cativo do corpo, Vieira afirma que a Senhora do Rosário também pode quebrar seus grilhões, desde que sejam devotos do Rosário, embora não descarte que todos os escravos precisam servir aos seus senhores com toda a dedicação, *como se estivessem servindo a Deus, por livre vontade, pois ele vos há de pagar o vosso trabalho, fazendo-vos seus herdeiros..., o descanso só virá com a morte*. E lembra que tal herança é transmitida aos filhos (VIEIRA, 1959). Também, para Vieira, São Pedro ao se pronunciar sobre a

questão dos escravos, incentiva-os a suportarem a pesada carga do trabalho e da obediência aos seus Senhores, *fossem bons ou maus, “justos” ou injustos*.

Apesar da indiscutível e notável representatividade do negro na população brasileira, não há referências significativas, proporcionais a sua importância e relevância. Na educação formal, isso não é diferente, uma vez que os currículos não têm apresentado avanço nesse sentido e pouco contempla a cultura negra, de forma abrangente, o que não favorece a construção de referenciais de identidade negra aos educandos. Ainda que os esforços das várias entidades representativas venham dialogando e cobrando do Estado uma postura mais comprometida. O tempo conspirou no sentido dessa mentalidade se embutir no imaginário coletivo e, segundo Le Goff, como a mentalidade é o que muda mais lentamente, percebe-se claramente a necessidade de formar docentes capazes de trabalhar questões ligadas à alteridade de forma clara, responsável e que seja capaz de contribuir com um modelo de educação que contemple todas as culturas. Ou seja, formar docentes sensíveis às questões que envolvem o relativismo cultural.

Repensar no desafio dos professores-educadores que, através de uma educação continuada, tenham condições de trabalhar currículos voltados contra a falácia da democracia racial, consolidar e ou estabelecer parcerias com os núcleos de representação do negro, poderiam ser algumas das soluções, no sentido de minimizar tais diferenças em uma escola que, infelizmente, continua sendo pensada para brancos, apesar de algumas evoluções.

## **Referências bibliográficas**

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: Ministério da Educação, 2005. 36 p.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. 294 p.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. (org.) **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 352 p.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1992. 544 p.

PINSKY, Jaime. (org.) **12 faces do preconceito**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2000. 128 p.

SANTOS, Gevanilda e SILVA, Maria Palmira (org.) **Racismo no Brasil: percepções da discriminação e do preconceito racial no século XXI**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. 176 p.

SCHWARCZ, **O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930**. São Paulo: Cia das Letras, 1993. 288 p.

VIEIRA, Padre ANTÔNIO. **Sermões**. Porto: Lello& Irmão, 1959. vols. XI – XII.

### **Bibliografia consultada**

ARAUJO, Joel Zito Almeida de. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. 2 ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2004. 324 p.

RODRIGUES, João Carlos. **O negro brasileiro e o cinema**. Rio de Janeiro: Globo, 1988. 110 p.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto, nem branco, muito pelo contrário: Cor e Raça na Intimidade. In **História da Vida Privada no Brasil** (v. 4). São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.173-244

\_\_\_\_\_. **Retrato em branco e negro**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. 320 p.